



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS - CAMPUS III
CURSO DE LETRAS

NÚBIA CORREIA SOBRAL MARTINS DA SILVA

**DE RAPUNZEL A ENROLADOS:
As faces e leituras do amor**

GUARABIRA - PB
2017

NÚBIA CORREIA SOBRAL MARTINS DA SILVA

**DE RAPUNZEL A ENROLADOS:
As faces e leituras do amor**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB

2017

S586r **Silva, Nubia Correia Sobral Martins da.**
De Rapunzel a Enrolados [manuscrito] : as faces e leituras
do amor / Nubia Correia Sobral Martins da Silva. - 2017.
26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rosângela Neres Araújo da Silva,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Amor. 2. Enrolados. 3. Literatura Infantil. 4. Contos de
Fadas. 5. Enrolados. 6. Adaptação Literária.

21. ed. CDD 028.5

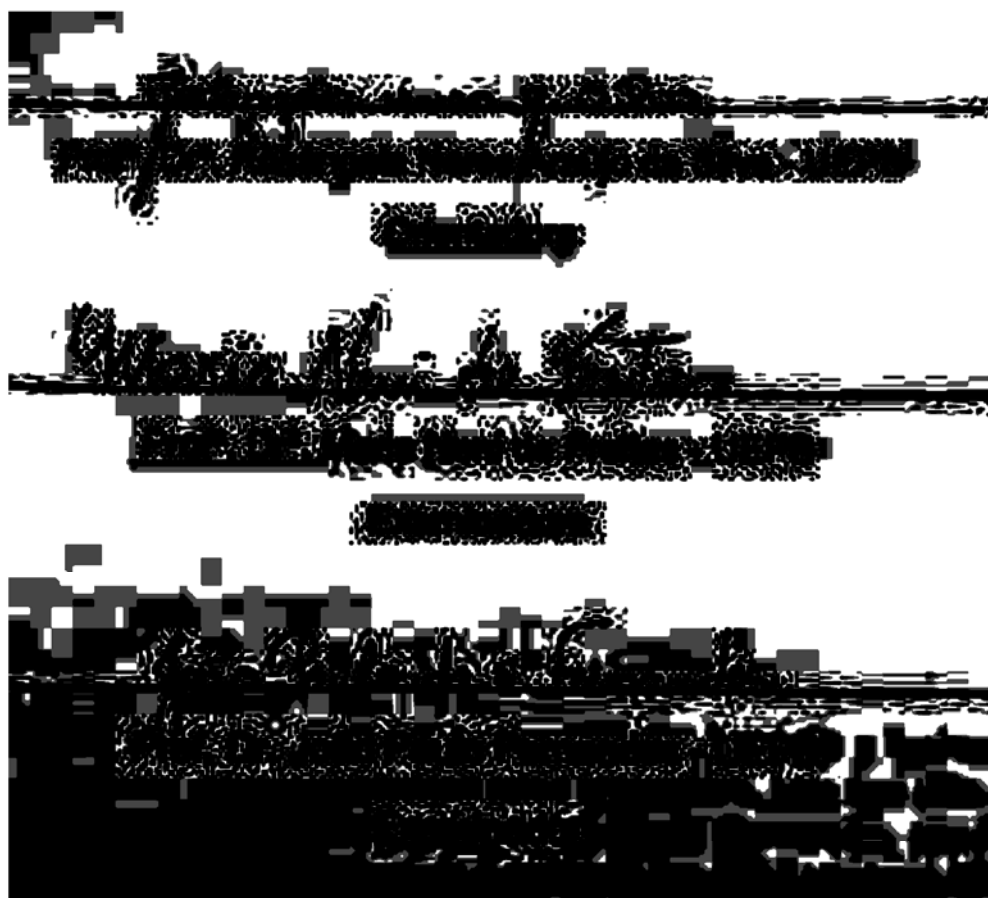
NÚBIA CORREIA SOBRAL MARTINS DA SILVA

**DE RAPUNZEL A ENROLADOS:
As faces e leituras do amor**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em 01 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



AGRADECIMENTOS

Eu agradeço ao meu Deus, “Porque d’Ele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.” (Romanos 11:36). A Jesus Cristo, meu senhor e salvador. Ao meu amigo inseparável Espírito Santo, que me orientou, ajudou e me sustentou em toda a minha trajetória.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicionais. Ao meu marido Maurício e filhos, Pedro João e Natã, pelo amor, pelo apoio, pela paciência, pelo incentivo e pelo tempo ausente ou dedicados exclusivamente aos estudos.

À minha orientadora Rosângela, por ser quem é, exemplo de amor à profissão, de incentivo, de dedicação, e pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Meus agradecimentos aos meus amigos Ramom, Laís, Franciana e Renale, companheiros de trabalhos e amigos leais em todos os momentos, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida para sempre.

A todos os professores de Letras, em especial a Adriana Sales, Iara Martins, Eduardo Valones, Maria Neni, Aparecida Lima, Vanuza Valério e Rafael Braz, que deixaram marcas significativas em meu aprendizado que perpassam os limites da universidade.

À universidade, sua direção, administração e coordenação pela oportunidade e apoio em toda a minha caminhada. E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com a realização desde sonho.

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha.

Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor.

O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará.

Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos;

quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá.

Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.”

1ª Carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 13, versículos do 4 ao 10 e o 13.

DE RAPUNZEL A ENROLADOS: As faces e leituras do amor

SILVA, Núbia Correia Sobral Martins da¹

RESUMO

Neste artigo, objetivamos identificar, analisar e comparar como as faces e leituras do amor se apresentam no conto de fadas Rapunzel, versão clássica dos irmãos Grimm, e em sua adaptação fílmica contemporânea da Walt Disney, Enrolados. Com isso, pretendemos evidenciar a importância das diversas faces do amor para o desenvolvimento cognitivo da criança. Para tanto, embasamos nossa pesquisa no arcabouço teórico dos autores Cademartori (2006), Aguiar e Martha (2012), Napolitano (2004), entre outros. Fundamentamos nossa metodologia na análise crítico-comparativa do amor ágape, phileo, eros e narcisista nos gêneros conto de fadas Rapunzel e da sua animação fílmica Enrolados, levando em consideração o surgimento dos contos de fadas, as adaptações, a relevância do cinema, os significados do amor e como ele influi no desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Amor; Literatura infantil; Conto de fadas; Adaptação; Enrolados.

1 INTRODUÇÃO

Mais afinal de contas, o que é o amor? “Deus é amor.” (1 CARTA DE JOÃO 4:16b) e é Ele quem permanecerá para sempre. Quais são as faces do amor? Diante da nossa pesquisa e objetivos, abordaremos no mínimo quatro faces do amor: o ágape, o phileo, o eros e o narcisista, devido a relevância dos mesmos para o nosso trabalho. Perpassamos pelos conceitos descritos na Bíblia Sagrada, em dicionários bíblicos e de língua portuguesa, a teóricos e literários, que embasam nosso entendimento a esse respeito do conceito de amor.

O amor é capaz de alforriar a alma do homem, enriquecendo-o com sua presença. Tem o poder de encher as vidas de deleites, estonteante luz e de pleno contentamento, como mostra Quadros (apud ANDRADE, 2002, p. 1411): “Pois o

¹ Graduanda em Letra pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Neres de Araújo da Silva. E-mail: nubiajesuseamor@hotmail.com

amor resgata da pobreza, vence o tédio, ilumina o dia, e instaura em nossa natureza, a imperecível alegria”.

Dessa forma, seriam os contos de fadas os mesmos sem a presença desse sentimento? O amor seria um elemento indispensável na construção e desenvolvimento dessas histórias que encanta a muitos por gerações? E como ele se apresenta no conto Rapunzel e também em sua adaptação fílmica, Enrolados? Ele cumpre seu propósito? O objetivo do nosso trabalho, então, é responder essas perguntas através de uma análise comparativa entre os textos, literário e fílmico, na tentativa de explicitar como se estabelece o sentimento do amor, em ambos os textos.

Essas narrativas que fascinam gerações, trazem nas entrelinhas a magia, o encantamento e despertam a criatividade na vida dos pequenos leitores, levando-os para mundos inimagináveis. Os contos, como conhecemos hoje, já passaram por diversas adaptações desde que surgiram no imaginário popular, até se perpetuarem nos dias de hoje. E essas adaptações são extremamente relevantes como podemos constatar em Napolitano que afirma que:

No campo da literatura brasileira e portuguesa, existem adaptações literárias de romances clássicos e modernos, permitindo um trabalho instigante de comparação dos textos literários com as respectivas adaptações fílmicas. NAPOLITANO (2004, p.43)

Com base nessa afirmação, comparamos de que forma o amor se constrói no conto infantil Rapunzel e em sua adaptação fílmica, Enrolados. Identificamos as abordagens das múltiplas faces do amor, ressaltando a relevância desse sentimento na constituição dos contos infantis e suas adaptações.

É certo que o cinema tem papel importante para a literatura infantil diante de suas adaptações fílmicas, que proporcionam aos espectadores a absorção de múltiplos saberes. Influenciam no aprendizado também em sala de aula, sendo muitos os métodos que podem ser utilizados para esse fim. Acreditamos que é notória a necessidade de um novo olhar para as adaptações literárias em animações.

Nessa perspectiva, abordamos a seguir o conto de fadas, o cinema e as adaptações, desde a oralidade, as coletâneas de contos escritos e a animação. No

terceiro tópico, buscamos conceituar os múltiplos vieses do amor, na Bíblia Sagrada, nos dicionários bíblicos e de língua portuguesa, na literatura e alguns teóricos. Em seguida, procedemos uma análise comparativa das faces do amor, no conto Rapunzel e o filme Enrolados. E finalizamos nossa discussão com as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 A NARRATIVA INFANTOJUVENIL NO CINEMA: o conto de fadas revisitado

De onde vieram e como surgiram os contos infantis? De acordo com alguns estudiosos da área, percebemos que os contos surgiram de mitos, contos e lendas populares que se perpetuaram de geração a geração, através da oralidade, sendo difícil afirmar com exatidão, o local de seu surgimento.

Lígia Cademartori, no livro “O que é literatura infantil” (2006, p. 33), e Márcia Kupstas, no livro “Sete faces do conto de fadas” (1993, p. 09), fazem referência em especial ao francês Charles Perrault e aos Irmãos Grimm, como precursores da coleta e adaptação dos contos populares no século XVII e XIX, respectivamente, classificando-os como literatura para crianças.

Reiterando o que já foi dito anteriormente sobre a origem dos contos, o papel imprescindível dos autores acima citados e suas adaptações:

A tradição de contar histórias como os contos de fadas é antiga. Poucos sabem que ela se iniciou nos vilarejos e povoados, sendo transmitida de boca a orelha por muito tempo, até que autores como Charles Perrault (na França) e os irmãos Grimm (na Alemanha) as colocassem no papel, modificando-as, transformando-as, enfim, adaptando-as a outras finalidades, ditadas agora pela escrita. ARAÚJO (2012, p. 8)

Muitas são as hipóteses a esse respeito, como confirma Burlamaque e Zanatta (apud COELHO, 2012), quando apontam que “é difícil definir uma única origem para essas histórias”, apesar de não sabermos ao certo a sua origem, percebemos que nada disso altera a importância que os contos de fadas têm na vida das crianças, nem diminui sua notoriedade para seu desenvolvimento psicoemocional. Além de encantá-las, os contos também agradam pessoas de todas as idades, com a sua magia e personagens peculiares.

Perrault, diferentemente dos irmãos Grimm, em suas adaptações a marca de oralidade mais próxima dos contos populares, enquanto que os Irmãos Grimm optaram por salientar “o bom caráter da princesa”, “a esperteza do fraco sendo mais eficiente que a força bruta do vilão” (KUPSTAS, 1993, p. 10).

As adaptações de Perrault tinham um caráter moralizador e pedagógico, devido a posição e contexto social em que vivia. Seu trabalho foi feito em uma época difícil, onde o povo estava em oposição ao governo absolutista de Luís XV, e por isso sua obra tinha a preocupação de usar a literatura como um método de ensinamento. “Na conversão da literatura popular em infantil, Perrault revela o modelo educativo imposto a ele e a sua época.” (CADEMARTORI, 2006, p. 40).

Esclarecendo mais a respeito desse modelo educativo podemos ver que:

A criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação. A literatura passou a ser vista como um importante instrumento para tal, e os contos coletados nas fontes populares são postos a serviço dessa missão. Tornam-se didáticos e adaptados à longa gênese do espírito a partir do pensamento ingênuo até o pensamento adulto, evolução do irracional ao racional. CADEMARTORI (2006, p. 38-39)

As adaptações dos contos oralizados para a escrita aconteceram não só para que o público alvo fosse alcançado, mas para que se cumprisse o propósito pelo qual as adaptações foram feitas, que era o de doutrinar a criança para que pudesse se tornar, após um período de maturação, um adulto dentro do padrão social exigido naquela época. Diferentemente daquele pensamento, as adaptações dos contos de fadas na contemporaneidade contemplam as mudanças ocorridas na sociedade e têm a função de informar e desenvolver o gosto da criança pela arte, seja ela literária ou visual.

Reconhecemos que:

A peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e (não nos esqueçamos) constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada. NAPOLITANO (2004, p.14)

Isso confirma que a heterogeneidade e importância do cinema está em contribuir para a construção das identidades culturais dos indivíduos. Percebemos a significância do cinema nas palavras de Napolitano, quando aponta que:

Como toda obra de arte, o cinema pode estimular o desenvolvimento da linguagem verbal e da compreensão textual. Além disso, o cinema em si constitui uma das linguagens mais importantes do mundo moderno, possuindo códigos próprios de significação. NAPOLITANO (2004, p. 41)

Além da contribuição cultural, o cinema perpassa por várias áreas do conhecimento, contribuindo também para o desenvolvimento da fala e da escrita do indivíduo. Sendo o cinema um conjunto de valores ideológicos e sociais, onde podemos encontrar diversos fatores que podem ser usados para o desenvolvimento do indivíduo, Napolitano (2004) acreditamos que, vale ressaltar que o cinema pode ser, se bem utilizado, um recurso dinâmico de aprendizado.

Certos da sua importância social e intelectual perguntamos: Como surgiu o cinema? Quem foram os seus precursores? E como funcionava? E como funciona na contemporaneidade? O surgimento do cinema se deu com a exibição de dois pequenos filmes, que se tratava de “registros da vida cotidiana”, numa cafeteria em Paris pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, que deixaram seus expectadores impressionados. Mas o protagonista dessa arte chama-se “cinematógrafo, uma máquina capaz de fazer uma película fílmica se movimentar em velocidade constante” (NAPOLITANO, 2004, p. 68-69).

Os americanos, seguidos dos alemães, após a sua descoberta, foram os pólos mais relevantes e deixaram marcas significativas na história cinematográfica da época que ecoa até os dias de hoje. Como não lembrar de Charles Chaplin, protagonista de filmes como ‘O Garoto’ e “Tempos Modernos”, que encantaram e ainda encantam multidões (NAPOLITANO, 2004, p. 69).

Para que o filme chegue às telas é preciso passar por uma série de etapas que precisam ser cumpridas, que perpassam pela linguagem até a sua realização. Essas etapas estão divididas em três momentos: tudo começa com uma ideia básica que é transcrita para o papel em forma de sinopse; a sinopse torna-se um argumento que será transformado pelo roteirista em sequências para o roteiro, e serão usadas pelo diretor como um guia que poderá ser modificado no decorrer das

filmagens. Roteiro pronto, com cenas, personagens e diálogos, o diretor recebe também um orçamento que será utilizado para contratação de profissionais com funções específicas, atores, compra de equipamentos, aluguel de estúdios, cenários, figurinos, deslocamentos e viagens para tomadas externas, salários e cachês. Cada diretor tem seu método de produção, por vezes, as cenas não são filmadas na ordem da narrativa, e isso cabe à edição organizar como também os efeitos sonoros e especiais. Quando o filme está pronto para ser exibido, ele é entregue a profissionais que cuidarão da negociação com os exibidores e do marketing e publicidade, que acontecem antes e durante o seu lançamento (NAPOLITANO, 2004, p. 57-61).

O drama, a comédia, a aventura e o suspense são classificações de gêneros cinematográficos que direcionam tanto as ações dos personagens e o desenvolvimento do roteiro como também influenciam a aceitação da obra pelos espectadores, por esclarecer toda a dinâmica do filme.

As adaptações, “são pensadas para um público alvo, e o adaptador, agente da ação, faz uma releitura da obra original que está adaptando” (RODRIGUES, 2012, p.10). Ou seja, o adaptador adequa não só a linguagem, mas também o contexto e as ações das personagens para que o público possa se identificar e dialogar com a adaptação, construindo assim, conhecimento.

Era praticamente o que acontecia com Perrault. Nas suas adaptações da oralidade para a escrita, coletava contos populares e utilizava seus temas para alcançar seu objetivo: “Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia” (CADEMARTORI, 2006, p.36).

Para nos situarmos, precisamos a princípio, entendermos a respeito de dois termos, adaptação e tradução. A “(...) tradução como reprodução da forma e conteúdo para uma determinada língua, e adaptação como mudança da forma e do conteúdo” (RODRIGUES, 2012, p. 12). Isso quer dizer que a tradução busca copiar a narrativa da maneira que ela é, enquanto que a adaptação muda, retira, acrescenta ou transforma valores, imagens, fatos, situações, entre outros detalhes.

Observamos que apesar da tradução e adaptação, de certa forma, trazerem uma mudança na narrativa original, há uma preferência para a tradução, por ela manter a essência primária do texto fonte. (RODRIGUES, 2012).

Independentemente das diferenças entre a tradução e adaptação, queremos nos ater a adaptação, e revelar suas contribuições diante das narrativas. E para tanto podemos constatar que:

A adaptação está geralmente mais associada ao fato de se recontar uma história, e o termo traz consigo a expectativa por modificações que geralmente não são características de uma tradução. São justamente as modificações que tornam mais acessível um clássico para determinado público. RODRIGUES (2012, p. 14-15)

O que pretendemos ressaltar é a acessibilidade que a adaptação proporciona, como se ela fosse capaz de derrubar muros e de criar pontes entre povos e culturas tão diversos, os aproximando de uma maneira singular. Nesse sentido, Rodrigues (2012, p. 16) aponta que “a adaptação é tanto a criação de uma obra original a partir de outra quanto uma prática de acréscimo e supressões para que um texto produza nos receptores o mesmo efeito produzido na língua de partida”.

As animações são um exemplo do ambiente criativo que as adaptações podem proporcionar, e as mudanças são visíveis e algumas delas bem radicais, atuando na mudança do gênero, seguida pela linguagem, o comportamento e atitudes das personagens, que acreditamos serem os mais relevantes. “Deu a Louca na Chapeuzinho Vermelho I e II”, é um bom exemplo disso, em que a menina frágil e a vovó doente que são engolidas pelo Lobo-mau no conto original, desaparecem na nova versão, surgindo então uma menina e uma vovó que lutam artes marciais, que são bem radicais, e que trabalham em uma organização secreta resolvendo crimes inacreditáveis no mundo dos contos de fadas.

Podemos citar também “Deu a louca na Branca de Neve”, “Cachinhos Dourado e os três ursos”, “A Bela e Fera”, “João e Maria – Caçadores de Bruxas”, “Malévola”, e tantos outros que através da adaptação puderam mostrar outras versões dos contos de fadas.

3 OS MÚLTIPLOS VIESES E ABORDAGENS DO AMOR

“Deus é amor”. (1ª Carta de João 4:16b). E Ele fez todo ser humano a sua imagem e semelhança (Livro de Gênesis 1:26a), por isso, o amor phileo, eros e narcisista são inerentes ao ser humano e está intrínseco em seu ser. Esse sentimento faz parte das nossas vidas muito antes de nascermos, e nos acompanha por todas as fases do nosso desenvolvimento, mostrando-se de diferentes formas, dependendo das pessoas, situações e ou experiências que vivermos.

No 1º livro de Paulo aos Coríntios no capítulo 13, citado na epígrafe de nosso artigo, encontramos a definição do que é o amor. Traz também um relato da sua importância, de como ele se apresenta, e de como devem se comportar aqueles que amam. Neste mesmo capítulo bíblico retrata que o ser humano pode possuir tudo, dar tudo aos pobres e até mesmo morrer por alguém, mas se não tiver amor, tudo que ele tem ou faz não vale nada, Meier (2006), enfatizando a relevância desse sentimento tão nobre.

Jesus Cristo disse: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento’ e ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’”. (Evangelho de Lucas 10:27). Esses são os dois mandamentos que resumem os dez, que foram dados a Moisés no monte Sinai, em duas pedras lavradas. Percebemos que as faces do amor estão ligadas primeiramente a Deus e conseqüentemente ao próximo (seja ele familiar, matrimonial ou de amizade).

Conhecemos o amor de mãe, mesmo estando ainda dentro do ventre materno, e ao nascermos nos deparamos com vários vieses de amor, sejam familiares ou entes queridos. O amor nos ajuda a entender que não estamos sós e que temos em quem confiar e recorrer.

Mas a partir da adolescência nos deparamos com uma nova face do amor, o amor eros, algo desconhecido e fascinante ao mesmo tempo. Somos encurralados por um sentimento que traz uma enorme euforia e uma grande insegurança e medo. Esse amor nos traz alegrias e uma mistura de sentimentos com os quais não

sabemos lidar, e por vezes sofremos, por não sermos correspondidos, ou sermos abandonados.

Vemos, assim, que o amor, definido como um sentimento abstrato, se divide em vários conceitos e preceitos. Entretanto, iremos nos ater a quatro tipos, pois se aplicam diretamente a nossa análise. Quadros (2011, p.165) nos mostra que “A língua grega detém as três principais acepções do amor: Eros, Fília e Ágape. Comumente, relacionamos o primeiro ao amor sexual; o segundo à amizade e o último ao amor espiritual”; sobre os quais iremos discorrer a partir deste momento, em nossa pesquisa. Sentimos a necessidade de incluir o amor que denominamos de Narcisista, pois percebemos a sua presença em nossa análise.

Percorremos também outros conceitos, buscando agregar outras definições de amor e suas faces. Porém, temos plena consciência que, independente da profundidade da pesquisa, uma definição única do termo sempre apresentará complexidade.

O amor, segundo Ferreira² (2005, p. 77), “É um sentimento profundo entre pessoas, que tanto podem estar ligadas por laços familiares ou sexuais.” Pode ser também uma dedicação a alguém ou a alguma coisa, como também pode ser de devoção a Deus.

De acordo com Pfeiffer, Vos e Rea³ (2007 p.93,94) “o amor é comunhão entre pessoas, baseado em atos de auto sacrifício.” Ele também aborda as faces do amor de acordo com as palavras gregas: “erao, eros, (de onde vem o adjetivo “erótico”) “desejo sexual, desejo passional”; phileo, philia, “afeição por amigos e parentes”; “agapao, ágape, agapetos”, que está mais ligado com o amor de Deus. Podemos inferir que Pfeiffer, Vos e Rea, diferentemente de Ferreira, traz um significado bem mais transcendental para o termo amor.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior**: dicionário escolar de língua portuguesa – Curitiba : Positivo, 2005.

³ PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard; Rea, John. **Wycliffe Bible Dictionary**. Hendrickson Publishers, Inc., Peabody, Massachusetts, EUA – Traduzida da 4ª edição em inglês: 2000 – 2ª edição 2007

Quando observamos o dicionário Houaiss⁴ (2004, p. 39) ele mostra que o amor está ligado ao desejo amoroso ou sexual. Pode significar adoração a Deus, dedicação ou cuidado, ou simplesmente um apego a alguma coisa que satisfaz.

Para Santos⁵ (2011, p. 31,32) o termo amor abre um leque de significações multifacetadas. O termo *'ahbah* significa amor matrimonial, mas também pode ser fraternal ou genuíno. O termo *dod* se remete aos relacionamentos, tanto sexuais quanto de idolatria aos impérios. Existem outros termos que designam “o amor, como ágape (amor divino), erao, eros, philia (phipeo - sentido de amizade), philadelfia, philanthropia”.

Verificamos que tanto a definição promovida pelo Houaiss e por Santos comungam de certos significados para o termo amor, apesar de algumas palavra possuírem diversos significados.

Ferreira (2005, p. 608) aponta para o amor Narcisista, relacionado com aquela pessoa muito vaidosa e que teria relação com o Narciso, “personagem mitológico enamorado da própria imagem”. O Houaiss (2004, p. 514) também faz referência a Narciso como uma “flor amarela grande cultivada como ornamental” e “homem muito vaidoso”, remetendo ao mito de Narciso.

O “amor narcisista” está diretamente ligado à mitologia grega que evidencia aquela pessoa que só ama ela mesma, e tudo o que faz é em interesse próprio, mostrando-se egoísta e arrogante. O mito grego de Narciso descreve um jovem bonito, que era insensível às coisas do coração, e ao ver sua imagem refletida na água de um rio, ficou profundamente apaixonado por si mesmo e acabou morrendo afogado. (ABREU, 2000, p.126).

Quando falamos de eros, nos remetemos a Eros que era o filho de Caos, o mais belo deus, e que estava diretamente associado à perpetuação humana. Com o passar do tempo sua figura se popularizou como aquele que acerta os corações dos seres humanos com uma flecha, levando-os a paixões desmedidas. “Eros objetiva a união, a superação das diferenças desta relação de opostos numa unidade que

⁴ **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**/organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2.ed. ver. E aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004

⁵ SANTOS, João Batista Ribeiro. **Dicionário Bíblico**.2.ed. ver. e ampl. – São Paulo: Didática Paulista, 2011.

sintetize todas as potencialidades e, portanto, num desejo de elevação, de progresso a um nível superior” (QUADROS, 2011, p.165-166).

Tratando de phileo ou filia, o relacionamos ao amor fraternal, que ocorre entre familiares e amigos (QUADROS, 2011, p. 165). O amor ágape, por sua vez, remete aos princípios cristãos, que são pautados na Bíblia Sagrada. O amor ágape transcende o natural e se insere no espiritual, sendo a fonte onde surgem todas as vertentes do amor. Deus é o próprio amor, então o amor ágape é a fonte principal que emana Deus em forma de sentimento para todo ser vivo. “Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.” (1ª CARTA DE JOÃO, 2001, 4:16)

Mais que isso, o amor cristão, ou seja, o amor na sua acepção Ágape, não surge entre os homens. Ele é uma dádiva, um dom de Deus como o mais alto dos sacrifícios (Jesus, Deus encarnado, morreu crucificado por amor aos homens) que deve ser seguido como sinal de reconhecimento. (QUADROS, 2001, p. 169)

Esse amor não mensurável, mas que é real, profundo e sobrenatural. É o amor que alcança todos, indiscriminadamente, de forma sacrificial e imerecido. E que tem seu devido valor, por ser uma dádiva dada aos homens.

No tópico a seguir, mostraremos como esses quatro conceitos de amor são desenvolvidos, a partir do conto de fadas “Rapunzel” e o filme “Enrolados”.

4 AS FACES DO AMOR NO CONTO “RAPUNZEL” E NO FILME “ENROLADOS”

“Quem conta um conto aumenta um ponto”, e no caso de Rapunzel, existe também a retirada de alguns pontos ou mesmo a mudança de outros. Essa história tem sido contada e mostrada de diversas maneiras, mas a que se perpetua até hoje é a versão dos Irmãos Grimm, datada de 1812, que será objeto de nossa análise.

Como o conto foi adaptado no século XIX, onde o padrão social possuía um alto senso de moralidade, os sentimentos eram apenas apontados sutilmente, apresentando-se contidos e pouco demonstrados na narrativa. Rapunzel narra a história de uma menina que foi entregue a uma feiticeira, porque, quando estava

grávida, sua mãe sentiu tanto desejo de comer rabanetes, que o pai da menina roubou-os da casa da feiticeira.

Aos 12 anos de idade, em razão de sua rara beleza, a feiticeira a encerra numa torre sem portas. A única maneira de entrar e sair da torre era subindo pelas tranças de Rapunzel. Certo dia, ao ouvi-la cantar, aproximou-se um príncipe que planejava roubá-la da torre. Sem que a feiticeira percebesse, o príncipe ia todos os dias à torre. Devido sua ingenuidade, Rapunzel revelou para a feiticeira as visitas do príncipe, e cheia de fúria, a feiticeira cortou-lhe as traças e mandou Rapunzel para o deserto, onde enfrentou muitas dificuldades e mais tarde deu à luz uma menina e um menino. Com as traças de Rapunzel, a feiticeira enganou o príncipe, que caiu da torre e fica cego. Vagueando por anos, ele encontra Rapunzel, que com suas lágrimas, o cura da cegueira e eles vão viver felizes no seu reino.

Em 2010, a Walt Disney lançou do mercado cinematográfico uma das melhores adaptações do conto Rapunzel. O filme *Enrolados* é moderno, cativante, envolvente, inovador, engraçado e trouxe uma empatia que perpassou as crianças e chegou aos espectadores de todas as idades, deixando-os encantados.

Napolitano (2004, p. 62) aponta como podem se apresentar os gêneros cinematográficos.

Esses quatro gêneros-matizes podem aparecer mesclados, bem como se subdividir em outros gêneros mais específicos, e é essa a tendência do cinema comercial moderno: direcionar seus filmes para públicos específicos, predispostos a gostar de enredos e personagens típicos.

Conseguimos perceber isso na animação *Enrolados*, que possui um misto de drama, comédia, romance e aventura, que contribui como citado acima, para encaminhar os filmes para espectadores próprios. E acreditamos que essa mistura deu muito certo para o filme em questão, proporcionando um maior número de espectadores, pela diversidade de gênero cinematográfico nele contido.

Nessa adaptação a pequena Rapunzel é sequestrada pela vilã Gothel, por causa da magia contida em seus cabelos que têm o poder de rejuvenescer e curar as pessoas. Ela a esconde em uma torre e a cria como fosse sua mãe verdadeira, porém o seu único objetivo é ter essa magia só pra ela. Os pais de Rapunzel nunca perderam a esperança de tê-la de volta. Enquanto isso ela vivia naquela torre, numa

rotina que a deixava entediada, e seu sonho era sair para ver as luzes que todos os anos e na mesma época ela via espalhadas pelo céu.

Certo dia, apareceu na torre um rapaz chamado José, que tinha roubado a coroa da princesa e estava fugindo dos seus comparsas e dos guardas reais. Após Rapunzel nocauteá-lo com uma frigideira e amarrá-lo com seus cabelos, fez ele prometer que a levaria para ver as luzes e na volta ela entregaria a coroa que esconderá na torre. Trato feito, eles começaram sua viagem cheia de perigosas aventuras, que culminou com seu sonho realizado e a descoberta do seu verdadeiro amor.

Quando Gothel descobriu o que tinha acontecido, tentou convencê-la, mas em vão, então ela arquitetou um plano com os comparsas de José para desacreditá-lo diante de Rapunzel e levá-la de volta para a torre. E foi o que aconteceu. Estando as duas na torre, José que já estava arrependido do seu crime, chega para salvar Rapunzel e é esfaqueado por Gothel, que mostra sua verdadeira natureza. Rapunzel implora para curá-lo com a magia dos seus cabelos em troca do seu cativo junto a Gothel para sempre, e ela permite.

Ao chegar perto de José, Rapunzel coloca o seu cabelo sobre ele, e antes que comece a cantar, para que a magia aconteça, José a interrompe com um carinho, e então corta o cabelo dela, libertando-a do seu cativo, destruindo definitivamente a vilã. E após a morte de José, Rapunzel começa a chorar abraçada com ele e suas lágrimas o curam. Depois eles vão ao encontro dos pais verdadeiros de Rapunzel, que os recebe com muita emoção. José e Rapunzel vivem felizes para sempre.

Identificamos as quatro faces do amor, em sequência, tanto no conto quanto no filme, analisando como elas aparecem e são desenvolvidas diante dos dois gêneros. É importante salientar que a análise leva em conta o tempo e contexto em que os dois gêneros foram produzidos para melhor compreensão de como esse sentimento foi desenvolvido nas obras.

A primeira face que encontramos no conto está relacionada ao amor ágape: *“Afinal, um belo dia, a mulher percebeu que Deus ouvira suas preces. Ela ia ter uma criança!”*. Fica evidente o amor de Deus pela mulher ao ouvi-la e atendê-la, apesar

dos anos de espera, sendo esse o único momento que a face do amor ágape aparece.

Percebemos também que essa face do amor aparece no filme Enrolados, porém duas vezes, em uma única cena.



IMAGEM 1

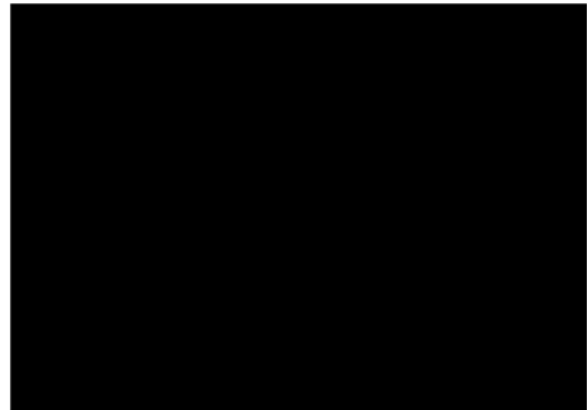


IMAGEM 2

No primeiro momento, Rapunzel quer sacrificar a sua liberdade para que José não morra, demonstrando o amor sacrificial, como o amor de Jesus que se deixou prender para que a humanidade não morresse em seus pecados; mas fica mais evidente em José, um tipo de Cristo, que sacrificou sua vida para que ela (Rapunzel, que neste momento específico representa toda a humanidade) fosse livre, e em seguida ressuscitou após sua morte.

Interessante foi perceber que o amor phileo aparece no conto especificamente na fala da feiticeira quando ela diz: *“Cuidarei dela como se fosse sua própria mãe, e nada lhe faltará”*, pois apesar de lhe ser vetado o direito de amar e ser amada, ela na condição de mulher, nutre no peito desejos de ser amada, casar-se e ter filhos, revelando o desejo oculto de ser mãe, e viver esse amor. No filme, percebemos que o amor phileo aparece em alguns momentos distintos, porém sempre relacionados a família de Rapunzel.



IMAGEM 3



IMAGEM 4

Diferentemente do conto, no filme o amor phileo é explícito na primeira cena, através do comportamento dos pais de Rapunzel, ao estarem juntos e lançarem uma lanterna em agradecimento pelo seu nascimento. E na segunda cena, por continuarem lançando a lanterna todos os anos, no aniversário dela, na esperança de que um dia ela pudesse regressar ao lar.

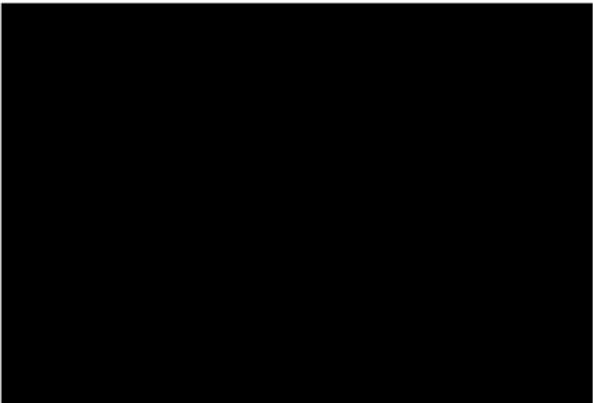


IMAGEM 5

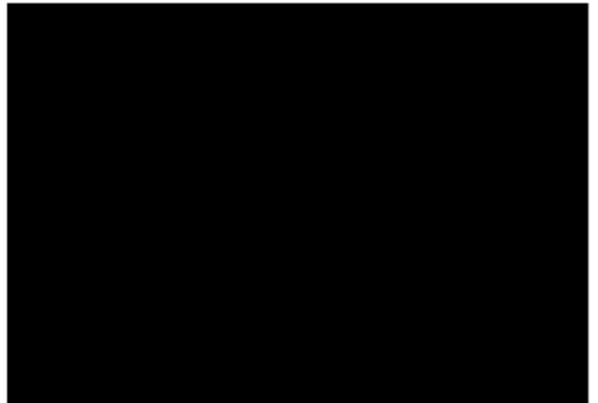


IMAGEM 6

Ele também se evidencia em dois momentos, no final do filme, através de um mesmo ato. O abraço que Rapunzel dá em seus pais no reencontro e no dia da festa em comemoração ao seu regresso.

Evidenciamos várias nuances do amor eros descritas no conto. A primeira é no momento que o narrador onisciente fala que *“O marido, que a amava muito, pensou: “Não posso deixar minha mulher morrer?(...) Tenho que conseguir esses*

rabanetes, custe o que custar!”. Fica notório o amor do pai de Rapunzel por sua esposa, planejando como faria para lhe saciar o desejo.

Outro momento é quando a voz de Rapunzel deixa o príncipe enamorado: *“Mas o maravilhoso canto tocara seu coração de tal maneira que ele começou a ir para a floresta todos os dias, querendo ouvi-lo outra vez”*. Na sequência, ele se manifesta na *declaração* de amor que o príncipe faz a Rapunzel na torre: *“Mas o príncipe falou-lhe com muita doçura e contou como seu coração ficara transtornado desde que a ouvira cantar, explicando que não teria sossego enquanto não a conhecesse”*.

Outro exemplo é o momento em que o príncipe a pede em casamento e, conseqüentemente, ela aceita: *“Rapunzel foi se acalmando, e quando o príncipe lhe perguntou se o aceitava como marido, reparou que ele era jovem e belo, e pensou: ‘Ele é mil vezes preferível à velha senhora?’ E, pondo a mão dela sobre a dele, respondeu: - Sim! Eu quero ir com você!”*

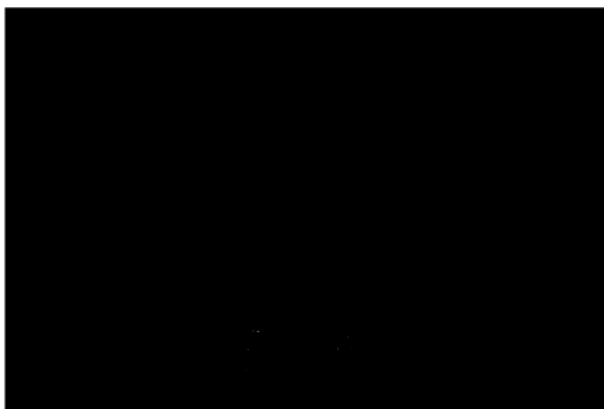
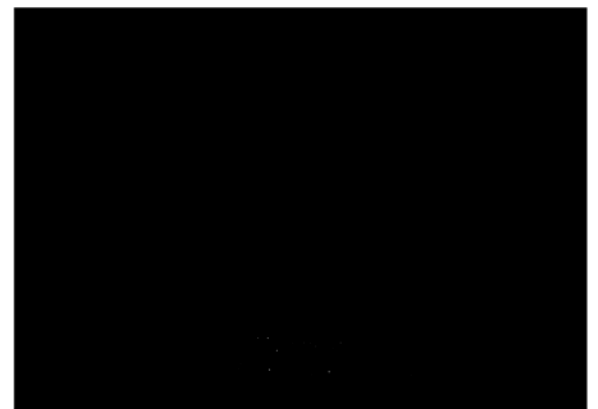
Essa face do amor também é evidenciada na fala da feiticeira, que ao enganá-lo, fazendo-o subir na torre como se fosse Rapunzel, ela diz a ele: *“- Ah, ah! Você veio buscar sua amada?”*, mostrando que ela reconhecia a existência do amor do príncipe por Rapunzel. Após o incidente que deixou o príncipe cego, o amor eros se mostra na dor da perda da amada: *“(…) sem fazer outra coisa que se lamentar e chorar a perda da amada.”*, sendo ele também revelado no abraço dos amantes e no choro, agora de alegria por causa do reencontro: *“Ouvindo uma voz que lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel. Assim que chegou perto, ela logo o reconheceu e se atirou em seus braços, a chorar”*. Vale ressaltar que o amor transbordou dos olhos e curou o amado da cegueira. *“Duas das lágrimas da moça caíram nos olhos dele e, no mesmo instante, o príncipe recuperou a visão e ficou enxergando tão bem quanto antes”*.

O amor eros é evidenciado no filme entre três casais e um personagem que não é correspondido.

**IMAGEM 7****IMAGEM 8**

O primeiro casal são os pais de Rapunzel, ficando evidente principalmente o amor do rei pela rainha. A cena principal é quando ele está ajoelhado aos pés da cama, devido a doença que a acometera, e ali convoca todos do reino para procurarem uma flor mágica que pode lhe restituir a saúde. E em vários outros momentos, onde a cumplicidade dos dois aparece em abraços carinhosos, gestos, olhares e carinhos.

O segundo casal é José e Rapunzel, onde o amor começa a nascer durante a viagem que os dois fazem para que ela possa ver as luzes flutuantes (lanternas) e culmina na cena onde os dois estão no barco assistindo ao espetáculo das lanternas. Mas o primeiro beijo só acontece, após José ser curado e outro no final do filme, em meio a festividade.

**IMAGEM 9****IMAGEM 10**

O terceiro casal só aparece no final, um viking que realiza seu sonho, que foi expresso na música cantada na taberna, de encontrar o seu amor verdadeiro. E o último é um senhor de baixa estatura que se veste como um cúpido, na cena da taberna ele se insinua para Gothel, mas ela só finge estar interessada a principio e depois o ameaça para descobrir informações do paradeiro de Rapunzel e seu acompanhante.

O “amor narcisista” encontra-se explicitado no conto, quando a feiticeira leva a criança embora, “(...) *A feiticeira surgiu no mesmo instante, deu à criança o nome de Rapunzel e levou-a embora.*”, e também a prende em uma torre, “(...) *Quando fez doze anos, a feiticeira tranco-a no alto de uma torre, no meio de uma floresta.*”

No filme ele se evidencia em apenas uma pessoa, a vilã Gothel, através de alguns momentos específicos.

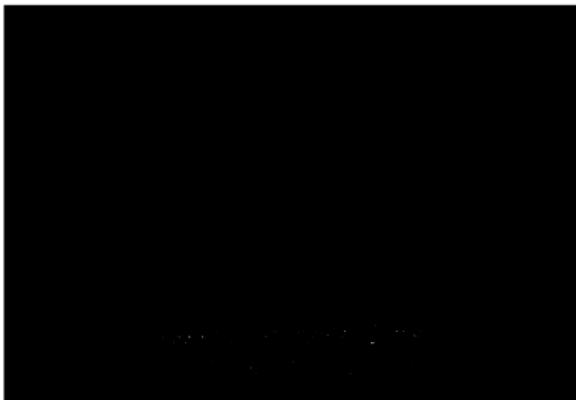


IMAGEM 11

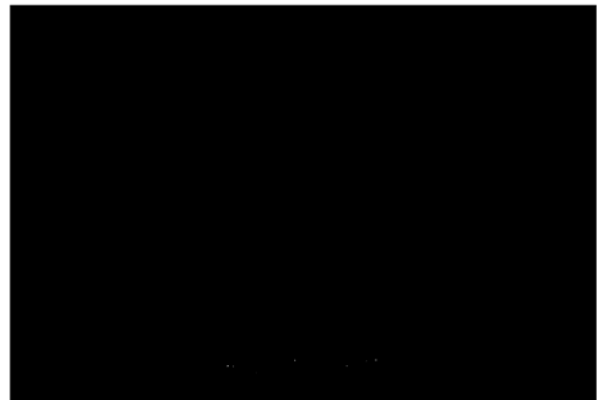


IMAGEM 12

Quando Gothel, numa atitude egoísta e mesquinha, esconde a flor mágica, para que só ela tivesse acesso ao seu poder. Em outro momento, ela rouba Rapunzel, ainda bebê, para continuar usufruindo do poder que passou para os cabelos da criança, quando sua mãe bebeu o chá da flor mágica em sua gravidez.



IMAGEM 13

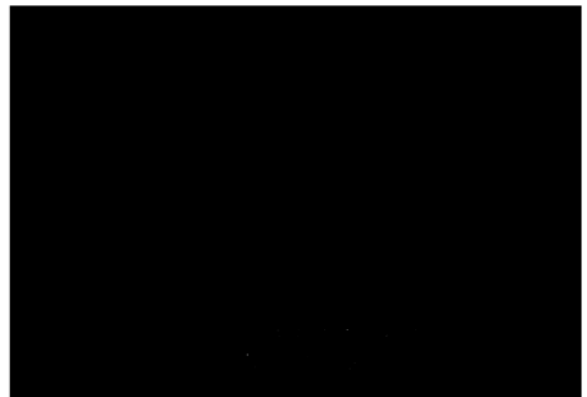


IMAGEM 14

Também é revelado na atitude de Gothel, que mantém Rapunzel aprisionada em uma torre, para continuar a usufruir do poder dos cabelos dela. E quando enfim Rapunzel consegue sair da torre, a feiticeira tenta persuadi-la a voltar, de todas as formas, mas sem êxito.



IMAGEM 15

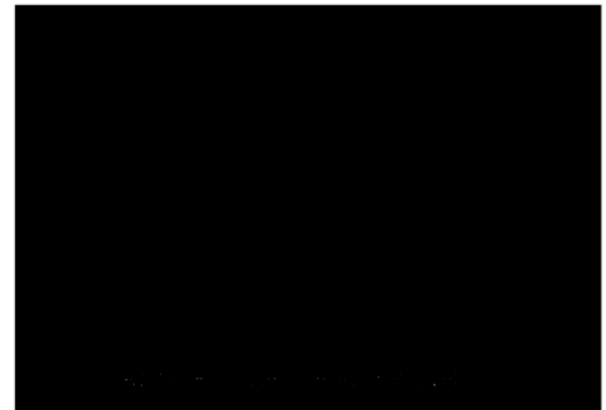


IMAGEM 16

Nesta cena Gothel abraça Rapunzel, pois acaba de engana-la e convence-la a voltar para a torre com ela. Já na torre Gothel esfaqueia José, pois ele se tornou uma ameaça para ela, com um único objetivo, continuar usufruindo do poder dos cabelos de Rapunzel, para permanecer jovem.

O amor deliberadamente cumpriu o seu papel demonstrando o seu poder. Ele se mostrou mais evidente no filme do que no conto, porque levou esperança aos

corações, trouxe de volta o ente querido, transformou vidas para sempre, produziu arrependimento, curou e ressuscitou mortos. Sendo declarado que o amor é um elemento indispensável na construção das narrativas infantis.

Então inferimos na fala de Napolitano quando diz:

Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de contá-la. Existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores tanto a trama e os diálogos explícitos. NAPOLITANO (2004, p. 57)

Sendo a alma do homem a fonte das emoções, o ser humano é impregnado de sentimentos que, por vezes, não são trabalhados ou direcionados, por isso a importância de tratar explicitamente as principais faces do amor, desde a leitura de literatura infanto-juvenil até as suas adaptações fílmicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de fadas são histórias contadas e recontadas, escritas e reescritas para um público em especial. Da forma em que as encontramos hoje, elas mantêm um diálogo muito positivo com as adaptações de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm. Eles contribuíram significativamente para a criação da literatura infantil, ao coletarem as histórias que eram transmitidas pela oralidade e as transformando com elementos concernentes com a infância como afirma Araújo (2012,).

As adaptações feitas nos contos infantis tratam de modificações ou transformações do texto para contar uma nova história. Percebemos que o objetivo principal é alcançar um público alvo e isso não é diferente com as adaptações para o cinema, como aconteceu com o conto Rapunzel, adaptado para o cinema na versão do filme “Enrolados”.

Constatamos que houve nessa adaptação um acréscimo considerável, no que diz respeito à dinâmica do amor. Já em relação ao conto, ele é mais contido a esse respeito, levando em conta a época em que ele foi escrito. Revelamos as quatro faces do amor, nas entrelinhas do conto e nas cenas peculiares do filme.

Ao identificarmos as faces do amor, comparamos e explicamos cada uma, notando que o amor no conto Rapunzel não se mostra com toda a sua força, diferentemente do filme, que se mostra mais intenso. A transparência como é tratado o amor no filme é bastante significativa, e por isso causa emoções diversas em todos os seus espectadores.

Diante desse afirma acreditamos que o cinema um instrumento que instiga não só os sentidos como a audição e a visão, mas também provoca os mais diversos sentimentos, e contribui diretamente no aprendizado das crianças, agregando múltiplos saberes.

Quando tratamos do sentimento mais sublime que é o amor, diante de suas faces, podemos perceber que ele cumpre muito mais que seu papel, pois consegue perpassar situações que estão além do sentimento. E ao expor seus conceitos perante diversas fontes percebemos que provavelmente, nunca ninguém conseguirá com exatidão expressar o que ele significa em toda a sua totalidade.

Levando-se em consideração os aspectos abordados em nossa pesquisa comprovamos que o amor é, sem dúvidas, um elemento imprescindível na construção dos contos de fadas, pois o amor provoca expectativas em todo leitor/espectador ao ler ou assistir um conto de fadas. Que o amor vença o ódio, una corações e destrua o mal.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice áurea Penteado. **Conto e reconto**: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura Infantil**. São Paulo : Brasiliense, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior**: dicionário escolar de língua portuguesa – Curitiba: Positivo, 2005.
- GRIMM, Jacob e Wilhelm. **Contos maravilhosos, infantis e domésticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- HOUAISS, Antônio. **Midicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- KUPSTAS, Marcia. **Sete faces do conto de fadas**. São Paulo : Moderna, 1993
- MEIER, Joyce. **Bíblia de Estudo**. Nova versão internacional – NVI. Sociedade Bíblica Internacional. New York, USA, 2006.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. QUADROS, Elton Moreira. **Eros, Fília e Ágape**: o amor do mundo grego à concepção cristã. Maringá, 2011.
- RODRIGUES, Bruna Laís Araújo. **Rapunzel vs. Enrolados**: Faces da adaptação e da tradução entre o conto de fadas e a animação. UEC – Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2012.
- SANTOS, João Batista Ribeiro. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Didática Paulista, 2011.
- ZILBEMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo : Global, 2003.